ALINE BEI

Pequena coreografia do adeus

Material com direitos autorais

Júlia

o vento que batia na praça era típico de fim de outono
e eu era uma menina
me despedindo
lentamente
da própria infância
brincando, mas sentindo
o peso da culpa por ainda brincar, o ideal seria
estar tomando um banho
com bucha
depois passar perfume
no corpo
pintar as unhas
para então me vestir como se fosse uma ocasião especial.
por isso eu brincava envergonhada, na testa uma lâmpada
iluminando
este aviso: *não era para você estar aqui*
já que meus pelos
involuntários
protegiam o lugar onde antes era só xixi e o leve
formigamento
quando a pele encontrava a calcinha muito rente

Material com direitos autorais

isso gerava um

flutuar no meu corpo

e me fazia ter a dimensão do mistério que era aquele lugar.

nesse dia, na praça

eu estava com uma amiga do bairro.

a mãe dela que nos trouxe

de carro

agora lia um jornal enquanto nos esperava. ela era mais bonita do que a minha mãe

cheirava melhor também.

tinha um cheiro de

erva-doce despreocupado.

já minha mãe tinha cheiro de

banana sem casca

estragando, estava sempre ocupada com os afazeres domésticos

e com as demandas emocionais da própria existência.

de vez em quando, deixava eu sair para brincar com alguém.

isso se eu já tivesse secado a louça

e estendido a roupa

e assistido à sua fúria contra as injustiças que lhe eram dirigidas, resumindo:

quando minha mãe não precisava mais

de público, então eu podia sair

pra brincar.

Material com direitos autorais

foi o caso do dia na praça
e quando chegamos
minha amiga, a Tetê, queria montar uma cidade, trouxe
bola e energia nas mãos.
ela estava infantil de um jeito ridículo, muito acesa, se importando pouco com os meninos que passavam por nós. já eu estava mais introspectiva, queria brincar de vida íntima das bonecas, por isso me afastei um pouco
e enquanto a Tetê, toda Solta, fazia um grande castelo

no *Ar*

eu levantei timidamente
a minha boneca Nádia M
imaginei que era o dia do batismo dela.
eu não queria ser uma mãe como a minha, gostaria de ser mais parecida com a mãe da Tetê. por isso fiquei olhando o vento agraciar o cabelo da dona Sandra e também as folhas do seu jornal.
depois levantei o rosto
e deixei que o vento agraciasse
a minha vida
estava fazendo nascer
uma boa mãe
em mim.
depois eu apresentei

Material com direitos autorais

a minha filha Nádia M
aos anjos, quando
para a minha completa Surpresa
por entre os cabelos
loiros de náilon
eu Vi
do outro lado da praça

o meu Pai.

forcei os olhos, não é possível

ele caminhava
a dois palmos do chão.

parecia mais jovem também, quase um estudante
universitário, cheio de
sonhos e
mãos entrelaçadas com
uma Mulher vestida de ouro e cabelo curto.

não me movi, na verdade eu
mal conseguia respirar.

era como se eu tivesse levado um

Material com direitos autorais

Tiro,

algo em mim desistia

e ainda que doesse a vida olhá-los tão etéreos

tudo o que eu queria era seguir olhando

o caminhar daqueles dois na calçada agora feita de areia e sal.

continuei usando

o cabelo da Nádia M como escudo.

reparei que

a Mulher tinha sardas

no colo

e segurava a mão do meu pai, entrelaçada, tão bonita quanto uma atriz de cinema.

— *Júlia, Júlia! olha o meu Castelo, olha!* — minha amiga tagarelou.

— *Shiu*. — avisei, Imponente

eu era uma Espiã agora, será que ela não percebia?

foi quando o meu pai pegou na nuca da Mulher de sardas, colocou a Boca lá.

os dois Sorriram

não sabia que meu pai tinha tantos dentes e

Material com direitos autorais

eu quis chamar
a Mulher de sardas
usaria a voz mais doce deste mundo, usaria
a minha ópera e a minha orquestra
e quando Ela finalmente se virasse
eu pediria, fazendo cara de cachorro triste: me Adote
hein, me Adote. ele é meu pai, então
você pode fazer isso sem medo.

foi quando Eles atravessaram
a rua como se
Dançassem

sumiram ensolarados

eu invisível

mas

pra mim eles ficaram
duas estátuas no meio da praça: uma mulher de beleza
cinematográfica
e

Material com direitos autorais

um homem feliz que era meu pai sempre triste quando estava ao meu lado

eu quis correr

atrás deles

matá-los com meu hálito de fogo

mastigar

aquela felicidade

manter do meu pai apenas o rosto e depois obrigá-lo a dizer eu te amo anda, diga eu/te/amo.

antes disso, ele responderia: antes você precisa tirar esse olho igual ao da tua mãe.

pois eu Tiraria

tudo o que é minha mãe em mim, e agora? Pai. agora eu sirvo pra você?

soltei a Nádia M

no chão da praça, a cabeça caiu do pescoço e eu Pisei também nas formigas

Material com direitos autorais

que levavam folhas sabe-se lá pra onde enquanto a Morte fervia na sola dos meus pés.

comecei a brincar Forte

com a bola que a minha amiga trouxe.

— *ei, Júlia. desse jeito você estraga, para. tá me escutando? Para!*

parti

pra cima dela

— *você não cala a boca* (soco) *não cala essa boca* (soco)

a dona Sandra correu pra nos Separar.

tinha a expressão de um diabo no rosto (ficou ainda mais bonita daquele jeito)

me jogou

pra dentro do fusca

berrou

que teria uma conversa Séria com a minha mãe.

— *que absurdo.* — ela chorava dando partida. — *isso é um Absurdo!*

minha amiga de boca sangrando

no banco da frente

a mãe da minha amiga sangrando de raiva no banco da frente

Material com direitos autorais

eu também sangraria
em breve
quando a minha mãe tirasse a Cinta
do armário.
as surras que eu levava
eram as surras que a minha mãe levou
em looping
na minha pele, na pele dos filhos que ainda não tenho.
é o que chamam de carma ou: carregar uma pedra involuntária
no coração.

— (passando a mão no cabelo da filha) *você tá bem, Tetê? tá doendo muito?*

e ainda que eu caísse de um tobogã altíssimo
ninguém passaria a mão no meu cabelo daquele jeito.

— *tá tudo bem, mãe, foi só um susto.*

É. foi só um susto, pensei
enquanto as duas sorriam uma pra outra
e por incrível que pareça, meu ato
tinha fortalecido ainda mais aquela relação.

Material com direitos autorais

sabe, Pai

te ver andando com aquela Mulher na praça

me fez entender

que você saiu de casa porque a nossa casa

ou seja a Mãe

era um lugar inóspito para você derramar o seu amor

uma terra infértil, não chove

pelo contrário, o sol torra cada pedaço de vida de um jeito que não sobra nada no horizonte e ainda assim

eu nasci.

chegamos na porta da minha casa, Infelizmente.

antes, quando a dona Sandra me enfiou no carro, percebi que o jornal tinha ficado na praça, provavelmente

no banco, com as folhas voando ou

querendo voar.

eu ia avisá-la, mas

a voz

não saiu da boca, foi ali que o meu ato

começou a pesar em mim.

dizem que isso é o pior, não é? quando alguém comete um crime.

não o cárcere

ou o exílio

Material com direitos autorais

mas o encontro
com a própria consciência.

a mãe da minha ex-amiga saiu do carro.
saí também, as pernas
magríssimas, os joelhos
ossudos tentando
se esconder.
mas não tem volta, você é o meu corpo
e nós estamos juntos
nessa
e em todas, enquanto eu viver.

a dona Sandra tocou a campainha da minha casa
repetidas vezes
em um curto espaço de tempo.

minha Mãe atendeu secando a mão no avental.
tinha essa mania insuportável
de usar avental ininterruptamente
mesmo que estivesse vendo televisão.

Ela ouviu
imóvel

Material com direitos autorais

ela costumava falar muito, especialmente quando Brava, mas nesse dia se calou.

me deixou sozinha na sala por eternos minutos

ouvi
o barulho do fogão ligando
e pensei que ela esquentaria uma panela de água pra me queimar.

quando voltou somente com a Cinta
eu fiquei
bem mais calma
que bom
que vai ser o de sempre

e Foi,

um pouco mais longo que o normal. ela também me disse que essa história de sair pra brincar tinha terminado
até porque eu já era uma moça
estava na hora de assumir algumas responsabilidades

— *isto aqui não é hotel.*

Material com direitos autorais

e enquanto ela falava
eu percebi que o meu coração
estava longe
naquele dia, estranhamente
a Violência dela não me alcançou.
talvez porque
enquanto eu apanhava
e depois escutava
o sermão
reconheci na minha garganta
um formato
de semente
dentro a notícia
que ventou na praça: o pai tem Outra
(e que Outra!)
eis o grito
que não dei
mas poderia, pela primeira vez eu tinha algo nas mãos.

Anos depois.

encontrei ao acaso
a Mulher de sardas
em frente a uma floricultura.
dei a volta

Material com direitos autorais

no quarteirão, correndo e
fingi trombar
com ela:

— *Desculpa* — pedi olhando Bem para o seu rosto
que agora me parecia tão comum quanto um pedaço de pão.
as sardas
alargadas pelo Tempo
tinham um quê de mancha senil da morte
enquanto ela recolhia
da calçada
o que lhe caiu
da bolsa
inclusive um frasco
de perfume,

e eu?

como recolheria meus cacos se eles são invisíveis?

Material com direitos autorais

eu admirava a vida das outras pessoas, assistia ao movimento da rua pela janela do meu quarto, via

o porta-malas de um carro aberto

enquanto um sol nem forte nem fraco brilhava no céu

e a montanha esperava aquelas pessoas, pacientemente, a montanha ou talvez o mar.

os cachorrinhos latiam, quero ir também, por favor.

não pode, os donos avisavam

sempre de bom humor, é claro, afinal os seus natais e aniversários davam certo, havia bolo, liberdade e tudo fluía, o trânsito, as flores, o tempo.

da janela do meu quarto, eu encontrava algo de valioso na vida de toda e qualquer pessoa, revirava o passante

em Silêncio

analisando

cada gesto e cada porte, sempre à procura do brilho fundamental.

me sentia poderosa fazendo isso, dona

de um segredo secular.

outra coisa divertida aos meus olhos era a Música

e quando não estava tocando nenhuma

eu imaginava

Material com direitos autorais

uma melodia deslizante
pelos móveis.
sem canto, só nota
igual àquela que saía do caminhão de gás, deixando a rua mais bonita por alguns instantes e depois
saudosamente bonita, quando o caminhão acabava de passar.

eu gostava Tanto de música.

comecei a criar
trilhas imaginárias, se a minha mãe estivesse Brava, por exemplo, eu montava algo com orquestra. agora, se a fogueira materna estivesse mansa, então eu adormecia
nas cordas de um violão.
comecei também a colocar
coisas minhas
no papel
inspirada por Lupita, uma personagem da novela
que adorava deitar na cama
e derramar nas folhas
o dia agradável que tinha vivido
ainda por cima usava
uma tiara vermelha pra escrever.

que ótima ideia, pensei.

Material com direitos autorais

de chutar a boca de quem diz isso. Queria ser mais parecida com o meu pai, ele não tem a raiva que a minha mãe tem nos olhos. O que me deixa triste é que meu pai me abandona muito. A minha mãe ele abandonou de uma vez, mas comigo é pior, ele fica me abandonando devagar. Um dia eu vou fugir desta casa pra sempre. E vou levar o rádio comigo, vou levar você também. Quero morar no campo, girar e girar na grama. Até cansar, e depois dormir.

fechei o caderno.

me larguei na cama como se a cama fosse uma plantação de girassóis.
imaginei um Sol nem forte nem fraco iluminando o meu rosto
fiquei ali,
abandonada por um tempo

os cachorros da rua latiram, deve ter passado alguém.

guardei a tiara na gaveta.

fiz uma massagem atrás da orelha que doía pela pressão do arco, com a menstruação a minha cabeça ficou cheia
de coisas e
Cresceu.

me olhei no espelho, pós-massagem.

Material com direitos autorais

cheguei mais perto
da minha imagem
abri a boca e fiz
movimentos de
língua, os olhos abertos, um tremorzinho que deu
nas costas, meu riso ecoou
pelo quarto
bateu na parede
caiu.

então eu limpei
o espelho

ele me olhou de volta, Prateado.

não se apaixone por mim, Ordenei.

Material com direitos autorais

quando cheguei na cozinha, minha mãe perguntou o que eu estava fazendo *de tão interminável* no andar de cima.

— *lição* — menti

e isso nunca me queimou por dentro, já naquela época eu sabia que mentir era um direito

básico

à fabulação

que eu usufruía

quase sem

culpa

pra conseguir ser um pouco mais livre.

comecei a colocar a mesa

sem barulho

minha mãe odiava os meus barulhos.

— (mexendo a panela) *não sei se a massa ficou boa*.

não deve ter ficado

o fato é que

eu nunca gostei da nossa hora de comer.

Material com direitos autorais

tudo o que a minha mãe preparava

de alguma forma carregava o seu espírito, eu já não gostava
quando meu pai morava aqui com a gente

agora que ele se foi o gosto só piorou.

— (desligando o fogo) *passa os pratos.*

Obedeci.

ela sempre me servia uma quantidade grande

de comida

muito mais

do que eu precisava.

sentei na mesa educadamente.

— *agradece o papai do céu.*

fingi agradecer movendo a boca, mas
por dentro eu era toda silêncio.

— *tira a mão da cabeça.*

ela sentou.

— *ouviu, Júlia? tira a mão da cabeça. vai cair cabelo no prato.*

Material com direitos autorais

— *é que a minha olheira tá doendo.*

— (rindo) *você quis dizer orelha.*

— (mexendo) *sim.*

ela ligou a TV.

estava passando a novela das oito, um saco, eu só gostava da novela da Lupita.

melhor seria jantar com Música

e trocar

a minha mãe pelo meu pai.

na TV, a Dora estava chorando no sofá depois de uma briga com a vizinha, aquilo parecia bem real. ela era tão velha que

parou

de ter ruga, não havia mais espaço

no rosto

para o tanto de tempo que já passou.

— *Mãe.*

— *hum?*

— *será que a senhora poderia não puxar a minha orelha da próxima vez que a gente brigar?* (já arrependida de ter começado essa conversa) *é que a minha cabeça tá crescendo.*

Material com direitos autorais